



**11º Simpósio de
Vitivinicultura do Alentejo**
**11th Alentejo Vine
and Wine Symposium**

15, 16 e 17 | 05 | 2019

ÉVORA, PORTUGAL

LIVRO DE ATAS

PAISAGEM DA VINHA NO ALENTEJO. PROCESSOS E PERÍODOS DE TRANSFORMAÇÃO DESDE FINAIS DO SÉCULO XIX¹

Maria FREIRE²; Isabel Joaquina RAMOS³

Resumo

A cultura da vinha, presente na paisagem do Alentejo desde tempos antigos, tem tido diferentes expressões no espaço, ao longo do tempo, o que tem sido traduzido em períodos de progresso e de declínio, motivados por fatores muito diversos – culturais, tecnológicos, políticos e ecológicos. Pretende-se trazer uma aproximação ao estudo da paisagem da vinha no Alentejo para o período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e a atualidade.

Esta leitura assenta na caracterização da distribuição geográfica e da expressão espacial da vinha, por se considerarem os fatores que melhor traduzem a produção da cultura e a expressão do mosaico da paisagem.

Palavras-chave: vinha; transformação da paisagem; Alentejo.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a produção de vinha ocorre em toda a região do Alentejo (distritos de Portalegre, Beja e Évora), apresentando uma maior representatividade nas regiões vitícolas demarcadas de Portalegre, Borba, Redondo, Reguengos, Vidigueira, Évora, Granja-Amareleja e Moura, onde se encontram instalados cerca de 17 500 ha. No total a região exprime quase 24 000 ha, distribuídos por aproximadamente 4 000 proprietários, com localizações distintas no território e implantação em condições biofísicas muito variadas (de relevo, de solo e de microclima), onde se assinalam dinâmicas técnico-culturais em que, ainda incipientes, são crescentes as preocupações ambientais, ecológicas e paisagísticas.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref.a UID/EAT/00112/2013.

² Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Escola de Ciências e Tecnologia, Centro História de Arte e Investigação Artística (CHAIA), Universidade de Évora, Largo dos Colegiais 2, 7004-516 Évora, Portugal mcmf@uevora.pt

³ Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Escola de Ciências e Tecnologia | Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA.UÉvora), Universidade de Évora, Largo dos Colegiais 2, 7004-516 Évora, Portugal; iar@uevora.pt

No Alentejo é consensual a ideia de que a história da vitivinicultura se generalizou desde os romanos, os povos que mais produziram na região. Dada esta exploração antiga é natural que a expressão da produção da vinha – localização geográfica, extensão de área cultivada, desenho das parcelas e as castas utilizadas – tenha sofrido alterações, mais ou menos significativas, condicionadas por fatores espaciais e temporais, suscitadas por determinantes diversos:

- políticos (políticas públicas, agrícolas e de ordenamento do território);
- técnicos (mecanização, indústria de fitofármacos e rega);
- culturais (globalização e turismo);
- ecológicos (conservação da natureza, biodiversidade e sustentabilidade).

Nesse processo de construção e transformação da paisagem vitícola encontramos mudanças especialmente relacionadas com determinismos técnico-culturais e económicos, com efeitos mais ou menos significativos ao nível dos domínios produtivos, estéticos e ecológicos que os acompanham. Tais mudanças revelam-se em aspetos muito variados, diferenciadamente declarados:

- nas políticas agrícolas que vigoram em cada período de tempo;
- na dimensão e características biofísicas associadas à propriedade (como o solo, a topografia, o uso do solo pré-existente);
- no respeito ou desprezo das infraestruturas ecológicas fundamentais da paisagem (cursos de água, valas de drenagem, sebes, áreas mais naturais mais secas ou húmidas);
- no modo de cultivo das vinhas (em exclusivo ou com culturas intercalares);
- na geometria dos talhões, nas opções de plantação (multicastas ou monocastas) e no compasso de plantação (quadrícula, quincôncio ou linha);
- nas castas usadas (autóctones ou introduzidas);
- no tipo de armação da plantação (vinha baixa, vertical ou elevada⁴); na armação vertical em bardos (com variação: da altura da armação – baixa ou mediana; e nas

⁴ A vinha elevada é comum nas latadas a ensombrar caminhos em quintas e áreas sociais no monte.

- materialidades da estrutura de suporte – esteios em pedra, toros madeira, chapas de ferro e arames);
- nas especificidades técnicas associadas às práticas culturais (com maior ou menor recurso à mão de obra e/ou apoio da mecanização);
- na definição de traçados de caminhos que acompanham o desenho dos talhões (facilitadores das práticas culturais).

PROCESSOS E PERÍODOS DE TRANSFORMAÇÃO

Resultado das mudanças anteriormente enunciadas, observa-se na região Alentejo uma construção e alteração da paisagem vitícola que se revela de modo diferenciado no espaço e no tempo, desde o final do século XIX até à atualidade. Na tentativa de aproximação a essa transformação e de a caracterizar, identificam-se os períodos mais significantes, a que se associam ocorrências e/ou processos com importância ao nível da localização das áreas de produção, da estruturação dos talhões, material vegetal selecionado e modo de condução.⁵

A presença da vinha nas últimas décadas do século XIX era manifestamente significativa como o confirmam os levantamentos agrícolas, os dados de produção de vinho e as descrições dessa altura. “As vinhas do Alentejo são muito fecundas e as suas uvas deliciosas (...) A plantação da vinha no Alentejo toma anualmente um grandíssimo incremento” (Breve Notícia da Viticultura Portuguesa apresentada na Exposição Internacional de 1874, *Cit. in* CÂMARA MUNICIPAL DO REDONDO, 2001, p. 19). Tal importância resultava de uma presença e significado antigos da cultura na paisagem do Alentejo (RIBEIRO, 1987; IVV, 1999; ALMEIDA & CHINELO, 1995; ALMEIDA *et al.*, 1998a, 1998b, 1998c, 1999) e do incremento da cultura iniciado em meados do século, que decorreu do desbravamento das terras e do seu aforamento (ou arrendamento) associado à fixação de novos agricultores (VALE *et al.*, 1996; VALE & MADEIRA, 1991).

A cultura da vinha localizava-se então num aro próximo aos núcleos urbanos, onde a

⁵ Esta leitura é realizada cruzando algumas descrições e caracterizações conhecidas (mais literárias e/ou técnico-científicas), cartografia existente e imagens (fotografias e desenhos), tratando-se naturalmente de uma aproximação com algumas limitações.

concentração humana e os cuidados culturais continuados necessários à cultura definiam tal proximidade. Ocupava também com regularidade os terrenos baldios, próximos das aglomerações, então aforados a pequenos agricultores (*idem*) e, nas grandes propriedades agrícolas, surgia usualmente na proximidade do conjunto edificado (SIMÕES, 2015).

A matriz paisagística que apreendemos dessa época é bastante diversificada, incluindo múltiplos sistemas agrícolas e silvícolas que se ordenavam, de acordo com a tríade organizacional romana, em torno da urbe – o *ager*, o *saltus* e a *silva*; o primeiro compreende o aro dos campos agrícolas, depois o dos campos da pastorícia e, mais afastados, a mata e o montado. Esta organização antiga chega a esta época como o testemunham múltiplas descrições conhecidas e cartografia produzida no final do século XIX.

Nesse aro periurbano, a vinha ocupava os campos agrícolas mais afastados ao núcleo. As áreas de vinhedos distribuem-se então em múltiplas parcelas, que traduzem o cadastro de pequena propriedade, característico na proximidade das áreas urbanas, ou surgia em pequenas unidades aforadas nos terrenos baldios. Nas grandes propriedades, a expressão destas áreas de cultivo apresentavam uma expressão manifestamente pouco significativa no contexto da dimensão da propriedade. Tal localização mais periférica dentro do sistema agrícola respondia ainda à ocupação dos terrenos mais pobres, onde os solos menos férteis e mais secos, que outras culturas não admitiam, se ofereciam como os mais aptos à cultura da vinha.⁶ Estava-lhe associada muita assistência, tanto ao nível das práticas culturais como de mão-de-obra e de vigilância. As plantações eram realizadas em modo de monocultura ou em consociação com o olival.⁷ As manchas plantadas afiguravam-se em compasso mais ou menos apertado, portanto diverso, sem qualquer alinhamento na plantação, e as cepas eram conduzidas de modo baixo, admitindo-se numa mesma parcela várias castas.

⁶ O conhecimento da história da paisagem e das áreas urbanas confirmam que os solos mais férteis, que existiam na proximidade dos núcleos urbanos, eram destinados aos produtos agrícolas – primores, pomares, forragens e ferragiais – mais exigentes ao nível da fertilidade do solo e da presença da água.

⁷ Como o comprovam os levantamentos agrícolas realizados por G. Pery (1882 e 1893) e por Cincinnato da Costa (1900).

Adivinha-se então um mosaico paisagístico diverso onde os vários cultivos se estruturavam em articulação com as necessidades produtivas e com as principais estruturas ecológicas (como linhas de água e de drenagem natural, sebes, áreas mais naturalizadas não cultivadas), bem como com as estruturas construídas em que tais sistemas produtivos se apoiavam (como vias, muros, elementos hidráulicos e outros elementos edificados). O espaço da paisagem exibiria então variedade e diversidade de padrões, texturas, aromas e cores, em resposta às necessidades produtivas, de conservação dos recursos e qualidades estéticas, num misto que integra racionalidade e sensibilidade na construção da paisagem.

Esta é uma época de grande entusiasmo da viticultura no Alentejo, em particular nas principais sedes de concelho que acabaram por dar nome às regiões vitícolas, para o que também terá contribuído a distinção de vinhos alcançada na exposição de Berlim em 1888 e a criação da primeira Adega Social em 1895 (VALE *et al.*, 1996).

O primeiro período de transformação compreende as **décadas iniciais do século XX** e manifesta-se no declínio da viticultura e na degradação da paisagem. À maior afirmação da produção verificada na segunda metade do século XIX seguem-se dinâmicas que expressam a redução das áreas de vinha e da produção de vinho, uma situação que é acompanhada pela simplificação e degradação da paisagem.

Este é o tempo de a vinha se tornar uma cultura marginal na produção agrícola da região. Por um lado, o contexto internacional e nacional político, económico e social, contribuíram para a degradação das vinhas. Estamos num tempo de autossuficiência alimentar e de maximização dos recursos, que se agravou no Alentejo pela Campanha do trigo,⁸ onde se favoreceu a plantação de cereais e se condicionou ou proibiu as plantações das vinhas (AMARAL, 1995), remetendo-a para terrenos marginais (VALE *et al.*, 1996). Por outro lado, o envelhecimento das cepas e as pragas e doenças da vinha⁹ traduziram-se em falhas nas plantações e, conseqüentemente, em quebras na produção, de onde resulta a dificuldade de competição face a outras regiões, regressando-se à produção para autoconsumo e/ou abastecimento local (BRAVO & OLIVEIRA, s/d;

⁸ Lei dos Cereais (“Lei da Fome”, SANTOS, 2017) de Elvino de Brito (finais do século XIX-início do século XX), seguida das Campanhas do Trigo (a primeira em 1929, que se prolongou por vinte anos, até final da 2ª Guerra Mundial).

⁹ A partir da segunda metade do século XIX, a cultura da vinha em Portugal sofre de doenças e pragas que perturbaram a produção; no Alentejo, identifica-se principalmente o oídio mas também a filoxera.

VALE *et al.*, 1996). Surgem as restrições à plantação da cultura, então condicionadas e objeto de regulamentação (AMARAL, 1995) e assiste-se ao início da mudança da paisagem vinhateira, particularmente determinada pelas regras de condução cultural e uso de suporte químico na prevenção das pragas e doenças, ditados pela racionalidade da exploração e mecanização. As novas plantações ocorrem em linha, ajustando-se às oportunidades de mobilização do solo com recurso à tração animal, mantêm-se as culturas intercalares e a valorização das castas regionais.

O segundo período envolve as **três últimas décadas do século XX** e caracteriza-se pela afirmação da viticultura na paisagem e pela emancipação da vinha relativamente às técnicas culturais antigas. Traduz os efeitos que advêm de políticas públicas e agrícolas iniciadas a partir do final dos anos 40, onde se estabelecem as condições para essa afirmação, bem como as ações técnicas, científicas e pedagógicas e estabelecimento de instituições que lhe são fundamentais.

É o tempo da reforma agrária, da crise do latifúndio e do êxodo rural, a que e segue a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em 1986, o fomento do aumento das importações e processos de abandono das terras, de reconversão, de incremento da produtividade e de valorização da produção agrícola. É neste contexto que se valoriza a estratégia promovida pela Junta Nacional do Vinho (a partir dos anos 40) de disponibilizar um corpo técnico de assistência à produção e de apoio à criação de adegas cooperativas (décadas de 50 e 60), instituições importantes no suporte à produção e escoamento do produto, com crescente tradução no significado económico e social para as regiões. É nesta conjuntura que emergem as instituições ATEVA e CVRA¹⁰ e que ocorre a demarcação das sub-regiões (na década de 80 e início da de 90), centrada nas áreas de influência das adegas, que vieram consolidar o apoio técnico, certificação do produto, promoção da viticultura e dos vinhos. Estas circunstâncias conjugam-se ainda com uma revolução ao nível técnico-científico associada à viticultura, designadamente expressos no crescimento da indústria de agroquímicos e clara adesão à mecanização na vinha, com influências no aumento da área de produção e na matriz vitícola.

¹⁰ ATEVA – Associação Técnica dos Viticultores do Alentejo; CVRA – Comissão Vitivinícola Regional Alentejana.

Surgem as grandes unidades de produção com localizações em novos territórios,¹¹ alastra-se a produção para terrenos mais férteis e com mais água,¹² conquistam-se de um modo geral novas condições biofísicas e morfológicas¹³ e aos tradicionais pequenos agricultores juntam-se os grandes produtores. Advêm então uma maior expressão das áreas de vinha e novos padrões associados à cultura e, conseqüentemente, à paisagem. Surgem as plantações extremas de vinha, talhões com monocasta, compassos de plantação em linha aramadas e mantém-se a plantação das castas tradicionais (ARAÚJO, 1988). As unidades de cultivo tornam-se mais extensas, também mais monótonas, e procura-se intensificar a produção.

Estas transformações são acompanhadas pela crescente desvalorização dos recursos (solo, fauna, vegetação e água) e pelo desrespeito pelas estruturas fundamentais da paisagem (linhas de água e de drenagem natural, sebes, áreas mais naturalizadas), com conseqüente redução da diversidade biológica e ecológica.

O terceiro período vai desde o **início do século XXI até à atualidade** e traduz-se na maior transformação do sector e alteração das unidades paisagísticas que lhe estão associadas. Encontra-se nesta fase o maior crescimento da produção, a afirmação da cultura nas explorações agrícolas e o reconhecimento internacional dos vinhos alentejanos. É o tempo em que a política agrícola concede um significativo apoio financeiro à reconversão e reestruturação das vinhas e em que se verifica um conseqüente aumento das áreas no interior das regiões demarcadas.

A acompanhar tal dinâmica crescem as inovações técnico-culturais, as ações de formação especializada de todos os intervenientes na vinha e o intensificar do papel de algumas instituições na melhoria técnica, investigação e promoção da viticultura.

Assiste-se então à implantação de novas áreas de produção em propriedades de média a grande dimensão, ao aumento da produtividade, decorrente de novas opções técnicas, à significativa redução de mão-de-obra e à introdução de novas castas estranhas à região (nacionais e internacionais). Para tal contribuiu a adequação dos sistemas de

¹¹ Perdendo-se atratividade dos núcleos urbanos.

¹² Abandonando-se a exclusividade da implantação das vinhas nos terrenos mais pobres.

¹³ Diversos topoclimas, terrenos topograficamente mais irregulares e mais declivosos e vários tipos de solo.

condução à crescente mecanização, o incremento do uso da rega e a ocupação de solos mais férteis.

A paisagem vitícola exhibe nesta fase extensos vinhedos onde dominam as vinhas homogêneas em parcelas de monocastas.

Acrescem dinâmicas simultâneas de exploração das potencialidades turísticas através da afirmação do enoturismo. Esta dinâmica observa-se no desenvolvimento de rotas dos vinhos, na dinamização de provas e visitas às adegas, na proliferação de adegas de produtores particulares e ainda em unidades de exploração que incluem, em simultâneo, ofertas turísticas complementares (loja, alojamento, restauração e possibilidade de envolvimento nalgumas práticas culturais associadas à viticultura e enologia).

Simultaneamente, toda esta transformação e produção é orientada por estratégias, normas ou diretrizes com preocupações ecológicas e ambientais crescentes, como o testemunham os conceitos e práticas de proteção integrada, produção integrada e, mais recentemente, de produção biológica. Associam-se-lhe procedimentos e/ou preocupações que se expressam na melhor adequação dos tratamentos fitossanitários (através do uso de fitofármacos com maior racionalidade), numa mais adequada mobilização superficial do solo e em ações de correção da sua fertilidade (patentes no estabelecimento de sementeiras entre linhas), na cuidadosa ponderação das geometrias de plantação e compassos mais adequados aos fatores físicos e biofísicos, na cautelosa forma de condução da copa e na seleção das castas mais adequadas à situação ecológica, incluindo o surgir de orientações para retomar a utilização de castas autóctones.

Inaugura-se ainda, de modo muito incipiente, o estímulo à promoção da biodiversidade e conciliação com o sistema ecológico presente, componentes importantes na construção de uma nova matriz paisagista vitícola.

CONCLUSÃO

A cultura da vinha tem mantido, ao longo dos séculos, a sua presença constante na paisagem alentejana e encontra-se atualmente entre os seus sistemas agrícolas mais identitários. De uma presença significativa na segunda metade do século XIX, a uma fase de declínio na primeira metade do século XX, passando por um período de afirmação da viticultura nas três últimas décadas do mesmo, o século XXI declara-se como o período de maior transformação da paisagem da vinha no Alentejo. A atual dinâmica associada à atividade vitivinícola, ainda que centrada em preocupações económicas, tem vindo a incluir gradualmente as preocupações ambientais e ecológicas, bem como as estéticas, estando crescentemente limitada ao nível do suporte social o que decorre de uma atividade desde sempre assente numa intensa mão-de-obra.

É no sentido da sustentabilidade dos sistemas vitícola, ecológico e ambiental que agora se dirigem as atenções de investigadores e das instituições com responsabilidade no setor, a que se associam os produtores. Estas preocupações e ações são fundamentais ao desenvolvimento do sector e à construção, proteção e gestão da paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, C., & CHINELO, L. (1995). *Regiões Vitivinícolas do Alentejo: Borba*. Évora: CCDR Alentejo.
- ALMEIDA, C., CHINELO, L., & ALFACE M. (1998a). *Regiões Vitivinícolas do Alentejo: Vidigueira*. Évora: CCRA.
- ALMEIDA, C., CHINELO, L., & ALFACE M. (1998b). *Regiões Vitivinícolas do Alentejo: Redondo*. Évora: CCRA.
- ALMEIDA, C., CHINELO, L., & ALFACE M. (1999). *Regiões Vitivinícolas do Alentejo: Reguengos de Monsaraz*. Évora: CCRA.
- ALMEIDA, C., CHINELO, L., ALFACE M., & ROSADO, J. (1998c). *Regiões Vitivinícolas do Alentejo: Portalegre*. Évora: CCRA.
- AMARAL, D. (1995). *O grande livro do vinho*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- ARAÚJO, J. (1988). *Panorâmica da Viticultura Alentejana*. In I Simpósio da Viticultura do Alentejo. vol1, pp.1-6, Évora.
- BRAVO, P., & OLIVEIRA, D. (s/d). *Viticultura Moderna*. Biblioteca de Instrução Profissional, 3ª ed. (1ª ed. 1916). Lisboa: Livraria Bertrand.
- CÂMARA MUNICIPAL DO REDONDO (2001). *Museu Regional do Vinho do Alentejo*.
- IVV (1999). *A vinha e o vinho em Portugal. Apontamento Histórico*. Lisboa: IVV.

- RIBEIRO, O. (1987). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- SANTOS, H. P. (2017). *Portugal: Paisagem Rural*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- SIMÕES, P. (2015). *Guardiões da paisagem - os montes alentejanos. Lugares de memória*. Tese de Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem, Évora: Universidade de Évora.
- VALE, C., & MADEIRA, J. (1991). *Os vinhos do Alentejo*. Évora: Turaventur.
- VALE, C., MADEIRA, J., & CARDOSO, H. (1996). *Os Vinhos do Alentejo*, Enciclopédia dos vinhos de Portugal, Vol. III. Lisboa: Chaves Ferreira, Publicações S.A.



ORGANIZAÇÃO

